

**Other universities**

---

**From the Selected Works of Paulo Ferreira da Cunha**

---

January 16, 2013

# Vencer a Crise. Ética, Psicologia e Partidos

Paulo Ferreira da Cunha, *Universidade do Porto*



Available at: <https://works.bepress.com/pfc/175/>

VENCER A CRISE  
ÉTICA, PSICOLOGIA E PARTIDOS

A crise europeia colocou tudo o mais na penumbra. E vai crescendo. Começou financeira e agora é já, além de económica e social, também política e constitucional. Em vários países, as constituições são letra morta, afora o formalismo orgânico. Os direitos já sugerem gargalhada a alguns. A sua falta, choro. Os tribunais constitucionais que se cuidem.

A própria arquitetura europeia, parte do problema, só timidamente é discutida, perante o imperativo de medidas imediatas: sucessivas más notícias todos os dias assolam o quotidiano do Europeu comum. E são más para o Alemão ou para o Francês as desgraças da Grécia ou da Espanha. Porque a todos chegará a ruína ou a prosperidade. Não tem, pois, havido real debate sobre o concerto constitucional europeu, nestes tempos de praticamente guerra, em que se não podem limpar armas.

Irreprimível que se pergunte: "Quem é culpado e até criminoso?" Estamos porém em tempo de nos desviarem a atenção do importante e dos verdadeiros culpados para bodes expiatórios. Zygmunt Bauman pergunta se ainda alguém acredita que a culpa é dos ciganos. Deles e de outros "suspeitos do costume"... Há pessoas para acreditar em qualquer coisa. Até no fim do mundo no dia 21.12.2012. E é com a credulidade que os manipuladores jogam. Por isso não interessa nem educação nem verdadeira informação.

As raízes mais profundas do problema são éticas. A economia de casino e a leviandade daqueles a quem confiámos o nosso dinheiro (bancos e governos), jogando com as nossas vidas, não é senão uma manifestação da crise moral que de há muito vivemos. Crise que negou os valores e as virtudes da República, ideal que, contudo, se sente a reviver, ainda que de forma não assumida. Os Povos sentem claramente e com indignação que não pode haver política sem ética. Ora, como dizia Janine Ribeiro, "a república é o regime da ética na política". Por isso e por ser ditadura, o

Estado Novo não foi República; mas seria catastrófico se, daqui a algumas décadas ou séculos, historiadores e politólogos do futuro viessem a dizer que, a partir de um dado momento, as nossas repúblicas também deixaram de o ser. Corremos esse risco.

Haverá, naturalmente, medidas financeiras e económicas – e antes delas opções políticas – que nos podem salvar do abismo que alguns vaticinam como certo. Claro que as há, invertendo a política de austeridade. Alain Touraine e Jacques G  n  reux são dois grandes vultos com propostas contra e para além da crise. Infelizmente, nenhum muito falado entre nós. Mas além deles, há imensas autoridades, a começar por "Pr  mios Nobel", que têm insistido em alternativas, debalde.

No âmago de tudo está a necessidade de as sociedades viverem os valores e os políticos as virtudes. Não valores ultrapassados e virtudes que fazem já sorrir. Mas a uma   tica mais ou menos perene, que é, afinal, a   tica republicana. Com as adapta  es que os tempos ditam.

As receitas consabidas não têm funcionado. Alguém pensou na experiência científica de colocar alguns geniais empresários, gestores, economistas e financeiros a viver uma semana com os salários mínimos? Até poderia ser salário médio. Uma espécie de *Big Brother* para alvitradores sobre a bolsa e a vida dos outros...

Somos, porém, demasiado dependentes do fascínio do poder e da fama.    espantoso que o que gentes comuns andam a dizer há meses, se não há anos (e ninguém ligou nada), uma vez na boca de pessoas importantes, já passa a ser verdade venerada. O que se pode comentar    que já não é mau que os mediáticos cheguem às conclusões, embora tardiamente. Mas há nas cortes poucos que não alinhem pela melopeia dos cortes. Além de ser de bom tom,    moda. E nada lhes custa.

2. Em crise há que ter redobrado cuidado com os tipos psicológicos perturbados e perturbadores, que causam desastres quando (o que não é infrequente) chegam a lugares de topo e de comando de outros, a quem infernizam a vida e utilizam como carne para canhão dos seus objetivos e manias pessoais.

A petulância de alguns não tem limites... Quanto mais tontos, mais se creem donos da verdade. E não têm a mais pequena d  vida ou freio moral... A psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva tudo explica no seu livro *Mentes Perigosas*...

3. A nossa democracia depende da representa  o, sobretudo partidária. É para a   que temos de antes de mais olhar. A regenera  o no nosso espectro partidário seria

revolução cultural profunda. Tememos é que os *apparatchiks* a não permitam. Subsistirão, certamente, mas não serão poupados pelo que vier a seguir, se não nos acautelarmos (Rob Rieman fala do "Eterno retorno do fascismo" em termos convincentes). Mesmo sem revanchismo, *boys* e *girls* não resistirão: pela simples aplicação de critérios de competência, e porque as ditaduras têm novos para colocar.

Descartes errou: Honestidade, prudência e bom senso são das coisas mais raras no Mundo. E a educação e comunicação social democráticas as únicas formas de as promover.

*Paulo Ferreira da Cunha*  
lusofilias@gmail.com